

**HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E**

**VULNERABILIDADES SOCIAIS**

**PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido**

**A ARTE EGÍPCIA ENTRE O PODER E A RELIGIÃO:  
REPRESENTAÇÕES DAS RAINHAS TIYE E NEFERTITI**

SANTOS, Bruna de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:**

O objetivo deste artigo é discutir a respeito da representação das rainhas Tiye e Nefertiti na arte egípcia, uma vez que essas duas mulheres adquiriram destaque tanto politicamente quanto religiosamente na época em que viveram, ou seja, durante o período da décima oitava dinastia egípcia (aprox. 1550 – 1069 a. C.). Mesmo sabendo mais a respeito dessas duas rainhas egípcias do que de diversas outras, ainda existem muitas lacunas em suas histórias, sendo assim, as fontes imagéticas podem nos ajudar a entender melhor o contexto em que viveram e os papéis que desempenharam em vida.

**Palavras-chave:** Arte Egípcia. Mulheres. Nefertiti. Tiye.

**1. Introdução**

Se observarmos a arte egípcia sem prestar a devida atenção aos detalhes, ela nos parecerá imutável em seus mais de três mil anos de existência. Trata-se de uma arte que pode ser facilmente reconhecida por muitos observadores, as características de uma pintura egípcia, por exemplo, dificilmente a permite ser confundida. Entretanto, para compreendermos um pouco melhor a arte egípcia, antes de observá-la mais a fundo a fim de fazer uma análise, é necessário possuir um conhecimento prévio (através de leituras e pesquisas) sobre o seu “estilo”, hoje ainda envolto em uma série de estereótipos que podem impedir um melhor entendimento a respeito das manifestações artísticas dessas antiga sociedade.

Em todos os períodos da história egípcia podemos ver representações de mulheres na arte, tanto na pintura, quanto na escultura e nos relevos. Na 18ª dinastia houve rainhas célebres e muitas de suas imagens chegaram até nós. Nesta pesquisa faremos uma breve

---

<sup>1</sup> Possui MBA em Curadoria, Museologia e Gestão de Coleções. Graduada em História pela PUC Goiás. Discente da especialização em História Antiga e Medieval – religião e cultura da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Graduada em Museologia na Universidade Federal de Goiás. E-mail: bruna.deoliveirasantos2012@gmail.com

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

discussão a respeito das representações de duas dessas mulheres na arte: Tiye e Nefertiti. Que destaque essas rainhas tiveram na arte egípcia? Como foram representadas? Sabemos que a arte dos antigos egípcios era carregada de idealizações e o realismo não teve a mesma importância que outras civilizações já deram para as obras de arte.

## 2. A arte para os antigos egípcios

De acordo com o egiptólogo brasileiro Antônio Brancaglioni Junior (2003), o tema primordial da arte egípcia é a figura humana, seja na pintura, na escultura ou no relevo (BRANCAGLIONI JUNIOR, 2003, p. 3). A arte possui uma função mágica e estava a serviço, antes de tudo, do Estado. Os artistas ou artesãos permaneceram anônimos e muitas obras levam o nome do próprio faraó em vez do nome de quem as produziu.

Os fundamentos da arte egípcia se encontram no âmbito das crenças relativas aos mortos e aos deuses (BRANCAGLIONI JUNIOR, 2003, p. 5). Desta forma é possível compreender por que a maioria das obras de arte egípcias encontradas pela arqueologia estão relacionadas com suas crenças funerárias.

Apesar de estar a serviço especialmente da política e das crenças religiosas (ou seja, do faraó e dos sacerdotes), a arte também era acessível para alguns poucos indivíduos que possuíam melhores condições financeiras e assim podiam pagar para construir as suas tumbas e providenciar tudo o que seria necessário no Além.

A partir de leituras a respeito do tema, entendemos que os egípcios não possuíam o conceito de “arte pela arte”, assim como tinham os gregos, por exemplo. Não era o caráter estético o que mais importava, pois o que chamamos de obras de arte egípcias possuíam normalmente um significado mágico/religioso. Usando como objeto a pintura egípcia, mesmo não sendo muito difícil identificá-la:

[...] para uma cabal apreensão de toda a gama de informações que uma composição pintada egípcia contempla é preciso familiarizarmo-nos um pouco mais com as suas convenções fundamentais, resultantes da adoção e aplicação multimilenar de uma série de princípios, regras e meios de expressão. Dito de outra forma, só o conhecimento prévio e aprofundado dessas regras multisseculares permite uma frutífera descodificação das inúmeras realizações que os homens do Vale do Nilo nos legaram (SALES, 2007, p. 175).

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

A arte dos antigos egípcios é conhecida por ser uma arte feita para a eternidade. Quando estudamos sobre a História da Arte, sempre nos deparamos com comparações feitas entre a arte egípcia e a arte grega, isto porque nós, ocidentais, somos herdeiros da cultura grega e a arte do Antigo Egito pode parecer estranha quando comparada com a arte europeia que surgiu com o Renascimento, movimento que tentou buscar um “retorno” a vários aspectos da cultura clássica. Vale ressaltar que mesmo havendo muitas diferenças entre os dois estilos, o grego e o egípcio, de acordo com Gombrich (2013), em termos de arte os mestres gregos aprenderam com os egípcios. Além disso, a arte arcaica grega ainda possuía muitas características da arte egípcia (PANOFSKY, 2017, p. 99).

Importante lembrar que as diferenças se davam também quanto ao significado que as duas civilizações deram para suas manifestações artísticas: enquanto os gregos consideravam que a arte existe para fins estéticos, os egípcios a tinham em uma esfera de idealidade mágica (PANOFSKY, 2017, p. 98).

Para os gregos parecia ser de fundamental importância representar o movimento e tudo aquilo que ele possui de transitório (DOCTORS, 2001, p. 17). Para os egípcios, em contrapartida:

o que importa é a forma quase mecânica do movimento, surpreendendo o corpo naquilo que ele tem de estático, naquilo que nele é eterno e imutável, isto é, na certeza de um lugar, anulando as passagens entre os movimentos e os decodificando numa forma capaz de representar cada um desses movimentos isoladamente, congelados e fechados num código visual (DOCTORS, 2001, p. 17).

Os egípcios davam uma importância particular para a permanência, ou seja, para a resistência perante a ação do tempo. A arte era um instrumento utilizado para eternizar nomes, ações, indivíduos. No pós vida era extremamente importante que o morto estivesse acompanhado de seus objetos pessoais e que possuísse ao seu alcance as fórmulas mágicas necessárias para enfrentar possíveis obstáculos que existiam no Além. As paredes das tumbas, para usar um exemplo, eram decoradas com cenas onde o proprietário era a principal personagem, centro das funções mágicas desta arte de caráter funerário. No que se refere a uma compreensão desta arte hoje e o que ela significava para os egípcios antigos, Brancaglioni Junior (2003) afirma que:

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

A arte egípcia, durante muitos anos, foi alvo de críticas que a consideravam desprovida de valor estético. Na verdade, isto resulta da má compreensão do sentido da arte na sociedade faraônica. Em princípio destinada aos deuses e aos mortos, a arte era, antes de tudo, um “aparelho mágico” e não tinha como objetivo a busca pela beleza ou a simples satisfação dos sentidos. Era concebida como um instrumento mediador entre os homens e o sagrado. A sua função metafísica obedecia a conceitos religiosos que permaneceram praticamente inalterados por mais de três mil anos, durante os quais as estátuas representavam corpos substitutos para a força vital de um deus ou de um morto, reanimadas por rituais específicos (BRANCAGLION JUNIOR, 2001, p. 53).

Atualmente é possível, através da internet, realizar visitas virtuais em algumas tumbas egípcias e termos uma melhor visualização das imagens registradas em suas paredes. Independente do fato de alguns observadores simplesmente não encontrarem “beleza” nas pinturas, é difícil afirmar que existe uma ausência de valor estético. Entretanto, a decoração por assim dizer, não era o sentido primordial da arte, o artista ou o artesão egípcio tinha o objetivo de cumprir o seu papel social/religioso, reproduzindo todas aquelas cenas que eram fundamentais para suprir as necessidades do morto no pós vida.

A arte dos antigos egípcios, ao contrário do que muitos podem acreditar, não permaneceu imutável ao longo do tempo. Cada período da história egípcia deixa na arte algumas características peculiares e também inovações, mesmo que difíceis de serem notadas. Nosso foco neste trabalho é a arte durante a 18ª dinastia (aprox. 1580-1314) que pertenceu ao período conhecido como Reino Novo (ou Novo Império). Existem muitos estudos e pesquisas a respeito desta dinastia, abordando vários assuntos, mas o nosso interesse aqui é discutir especificamente sobre as mulheres da realeza na arte desse período. Trata-se de um período curto se compararmos com todo o restante da história egípcia, mas é uma época de grandes transformações políticas e religiosas que acabaram interferindo também na arte.

Através da arte é possível analisar as relações de poder entre os indivíduos em um determinado contexto histórico, sendo fundamental o seu estudo para tentarmos entender melhor uma sociedade específica. No caso das rainhas egípcias podemos tirar algumas

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

conclusões a respeito de suas atuações e de seus papéis na política e na religião através das formas como foram representadas na arte.

### 3. Tiye e Nefertiti: a arte entre o poder e a religião

A 18ª dinastia é marcada por muitos acontecimentos importantes: extensão de território (consolidação de um império propriamente dito), grandes campanhas militares, uma reforma religiosa (Akhenaton) e posteriormente a restauração do antigo culto/religião oficial. Além disso, é uma dinastia que possui a presença de várias mulheres que se destacaram bastante na história egípcia (algumas mais, outras menos) e assim ficaram muito conhecidas, como por exemplo: Ahmés-Nefertari, Hatshepsut, Tiye, Nefertiti e Ankhesenamon. Falaremos aqui sobre duas delas: Tiye e Nefertiti.

Tanto a história de Tiye quanto a de Nefertiti possuem lacunas que nos impedem de saber mais a respeito. Sabe-se muito sobre elas em relação à maioria das rainhas egípcias, mas ainda assim temos pouco conhecimento a respeito de suas trajetórias. Entretanto, a arte pode nos ajudar a entender parte do contexto em que viveram e os papéis que exerceram em vida.

Antes de partirmos para a nossa discussão no que concerne a representação dessas mulheres na arte, é importante fazermos um breve resumo sobre a situação política do país durante o período em que viveram. A 18ª dinastia egípcia iniciou-se junto ao período denominado Reino Novo. Sua duração foi entre 1550 e 1069 a. C., de acordo com a cronologia preferida atualmente (CHAPOT, 2015, p. 11). A situação política do Egito no início desse período, de acordo com Brancaglion Junior (2001), ocorreu da seguinte forma:

Com a expulsão dos hicsos pelos príncipes tebanos, instaurou-se o Novo Império, que cobre da 18ª até a 20ª dinastia, uma época caracterizada pelo florescimento das artes e por uma riqueza sem precedentes, fruto das campanhas militares de grandes faraós, como Thutmés III, que trouxeram recursos mais tarde utilizados na construção de grandes templos. O Egito construiu um vasto império colonial que se estendeu do Eufrates ao Sudão. [...] Devido aos contatos com culturas vizinhas surge um estilo mais oriental e sofisticado. A prosperidade beneficia a toda a sociedade mas, principalmente, o clero de Amon, deus patrono de Tebas, capital do Império, que teria no

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

grande templo de Karnak a sede de seu culto (BRANCAGLION JUNIOR, 2001, p. 61).

Foi uma época de muitas transformações políticas e sociais, nos deixando muitos vestígios e sendo, portanto, o período da história egípcia antiga do qual mais sabemos a respeito atualmente. Além disso, percebemos que desde o início da 18ª dinastia as mulheres da realeza tiveram um papel muito importante, tanto na questão política quanto no âmbito religioso.

Um dos faraós mais conhecidos desta dinastia é Amenhotep III. De acordo com Jean Vercoutter (2001) este faraó reinou entre aproximadamente 1417 e 1379 a. C. (VERCOUTTER, 2001, p. 203). A rainha Tiye era sua esposa (Grande Esposa Real) e mãe de Amenhotep IV (Akhenaton). Ela não possuía descendência real, como normalmente tinham as rainhas egípcias, sendo às vezes lembrada como a rainha da “plebe” (GREEN, 1996, p. 7).

Tiye era filha de Yuya, comandante da cavalaria real, e Tuya, sacerdotisa do deus Min (GREEN, 1996, p. 7). Ela parece ter possuído dois irmãos: Anen e Ay, esse último provavelmente era pai de Nefertiti e assumiu o trono do Egito após a morte de Tutankhamon. Percebemos então que Tiye não tinha origem real, mas os membros de sua família ocupavam altos cargos.

Mesmo não tendo sangue “real” ou divino”, Tiye teve um considerável poder durante o reinado de Amenhotep III, tanto que sua influência sobreviveu à morte do marido e ela chegou inclusive a ser venerada como deusa no templo de Sedeinga, na Núbia (GREEN, 1996, p. 7). No reinado de seu filho, Amenhotep IV (aprox. 1378-1354), ela ainda desempenhou papel de destaque em termos políticos. Uma das evidências disso é uma carta enviada pelo rei de Mitani, Tushratta, diretamente para Tiye, sobre acordos feitos por Amenhotep III e que aparentemente não estavam sendo cumpridos por seu filho (SOUZA, 2012, p. 85).

Uma rainha exercendo papel tão importante na política e na religião como fez Tiye, conseqüentemente apareceria com uma certa frequência na arte. Aparentemente Amenhotep III prestigiava muito a rainha, fazendo com que fosse representada ao seu

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

lado em tamanho igual ao dele em alguns monumentos (SOUZA, 2012, p. 86). Esse fato pode indicar o poder e a influência que Tiye possuía no reinado do marido, uma vez que de acordo com os padrões egípcios “o tamanho das figuras em relevos ou esculturas é outro ponto significativo em arte egípcia e, na maioria dos casos, não reflete a realidade, mas traduz posição social, indicando superioridade ou inferioridade hierárquica” (CHAPOT, 2015, p. 137). O faraó aparecia sempre maior do que outras pessoas representadas, desta forma, quando a rainha era representada do mesmo tamanho que ele era um indício do poder que exerceu naquele reinado.

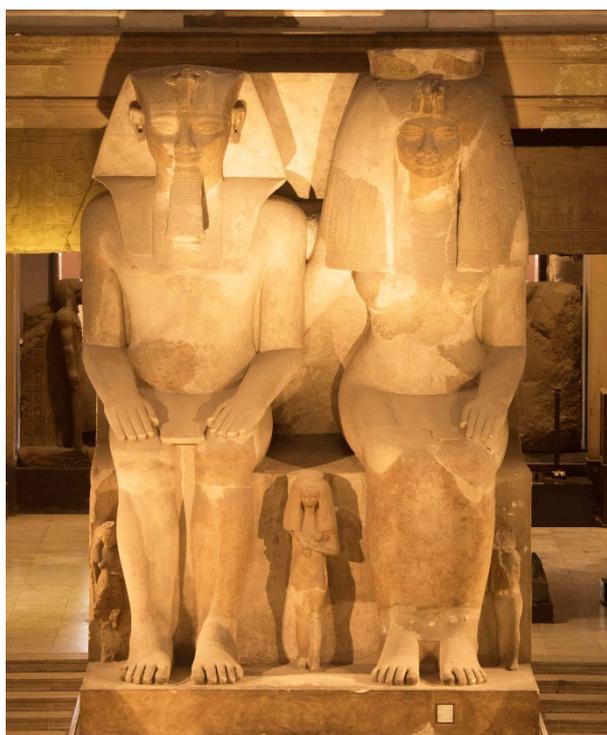


Figura 1: Estátua colossal de Amenhotep III e Tiye no Museu Egípcio (Cairo).  
Fonte: <https://egy monuments.gov.eg/collections/amenhotep-iii-and-tiye-colossal-statue-6/>  
Acesso: 26/07/2021

Tiye era sogra de Nefertiti e muito provavelmente também tia, levando em consideração que Ay é seu possível irmão. Amenhotep IV sucedeu o pai Amenhotep III ao trono, mas a influência de Tiye, como citado anteriormente, ainda se manteve durante o reinado do filho. Este é um período complexo da história egípcia, pois é quando o faraó

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Amenhotep IV inicia uma reforma religiosa, alterando inclusive o seu nome, passando a se chamar Akhenaton. Antes de analisarmos a importância de Nefertiti durante o reinado de Akhenaton é necessário entendermos sobre a reforma religiosa implantada por esse faraó no Egito e como estava a situação política no país. Como sabemos, a religião egípcia possuía um vasto panteão, sendo inclusive bastante complexa nesse sentido. Um de seus principais deuses era Amon e o seu clero era muito rico e poderoso. De acordo com Vercoutter (2001) o poder desse clero se devia aos Tutmésidas e a cada uma de suas campanhas militares, que enriqueceu o domínio de Amon (VERCOUTTER, 2001, p. 207). Mas durante o reinado de Amenhotep III, pai de Akhenaton, houve uma “evolução de alguns aspectos do culto egípcio do sol, convertendo-o num subculto no qual o disco solar, o Aten (em egípcio antigo, disco solar), fosse o objeto central de adoração” (JAMES, 2005, p. 21).

Akhenaton substituiu o deus dinástico Amon por Aton (ou Aten), o disco solar, que não era um deus novo no panteão egípcio. Ao contrário, considerado a Manifestação visível de Rá, Aton é citado nos Textos das Pirâmides desde o terceiro milênio a.C., além do fato de que no Reino Novo, tanto Tutmés IV quanto o próprio Amenhotep III parecem ter dado um culto particular a ele. Acerca desta chamada reforma de Akhenaton muitos pesquisadores debatem se houve de fato um monoteísmo ou se no culto oficial adorava-se apenas Aton, passando os demais deuses para segundo plano (VERCOUTTER, 2001, p. 206). Outro ponto importante do reinado deste faraó foi a construção de uma nova capital, Akhetaton (horizonte de Aton), em uma região denominada hoje de Tel el-Amarna.

Há então nesse período algumas mudanças sem precedentes na história do Egito. Não poderia ser diferente em termos artísticos: o que chamamos hoje de “arte amarniana” possui muitas peculiaridades. Sobre as relações entre arte e religião, Brancaglione Junior (2001) afirma que:

A tentativa de Amenhotep IV (Akhenaton) em se opor ao crescente poder do clero de Amon não teria um futuro duradouro no campo da religião com a instauração ao culto do disco solar, Aton. Entretanto, o envolvimento direto desse faraó na criação de um novo estilo artístico

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

não surpreende se se considerar o importante papel da arte na religião egípcia (BRANCAGLION JUNIOR, 2001, p. 62).

Evidentemente não foi por acaso que houve transformações na arte, acompanhando as mudanças político-religiosas. As alterações feitas por Akhenaton são um tanto radicais e a arte acaba sendo uma ferramenta de legitimação do poder. Desta forma, “tanto as artes plásticas quanto literárias serviriam para atender a essa nova demanda e o novo estilo se tornaria o grande veículo difusor de suas ideias” (SOUZA, 2012, p. 103).

Durante o curto período em que a arte “Amarniana” foi praticada, os artistas, inspirados por Akhenaton, adotaram um novo cânone de beleza distante da realidade, sem, entretanto, abandonar as convenções tradicionais da arte egípcia (BRANCAGLION JUNIOR, 2001, p. 63).

O período em que se praticou a arte amarniana foi curto como o autor menciona, ao contrário dos debates existentes ao seu respeito atualmente. Isso porque muitos autores ainda fazem comparações e uso de termos inapropriados para se referir a arte desse período (CHAPOT, 2015, p. 168). Existe também muita complexidade em relação a esse momento da história egípcia como um todo e acreditamos que ainda há muito o que pesquisar a seu respeito.

Existem muitas características que poderíamos analisar aqui sobre a arte de Amarna. Mas para resumir podemos citar a valorização das linhas curvas tanto das figuras humanas quanto da organização do espaço, o refinamento dado para mãos e pés e as cenas dominadas pelas imagens de Akhenaton e de Nefertiti, que mesmo quando se tratava de uma estela funerária estavam maiores do que a figura do proprietário da tumba (SOUZA, 2012, p. 104).

Especificamente sobre a família real, tema central dessa arte normalmente acompanhado da representação do disco solar, podemos fazer também algumas observações importantes. Cenas de intimidade familiar com demonstração de afeto entre seus membros são bastante comuns em relevos dessa época, fato inédito na história da arte egípcia.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido



Figura 2: Estela da família real amarniana.

Fonte: ZIEGLER, Christiane; BOVOT, Jean-Luc. Art et archéologie: l'Égypte ancienne. École du Louvre. Paris: 2001, p. 204.

No que se refere a Nefertiti podemos notar algo que se assemelha ao caso da rainha Tiye: ela às vezes aparece em tamanho igual ao do rei. São notáveis os destaques dados a ela em muitas representações. Nefertiti aparece algumas vezes sem estar acompanhada por Akhenaton, com uma ou duas de suas filhas, fazendo oferendas a Aton. Também foi representada massacrando inimigos e usando coroas típicas de reis (SOUZA, 2012, p. 113).

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

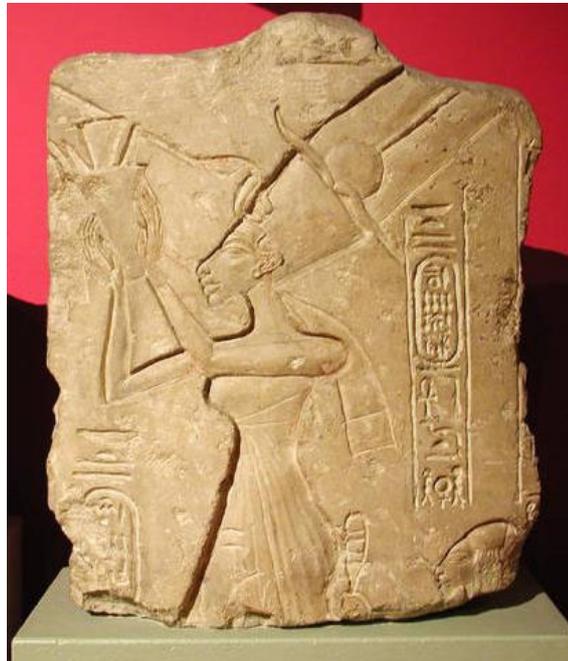


Figura 3: Relevô em que Nefertiti aparece fazendo uma oferenda a Aton, acompanhada por uma das filhas. Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Queen\\_Nefertiti,\\_Limestone\\_relief.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Queen_Nefertiti,_Limestone_relief.jpg)  
Acesso: 26/07/2021

Outro elemento importante da arte amarniana é o que se chama atualmente de “androginia” das imagens do casal real. Segundo Souza (2012):

A questão do gênero parece ser uma constante na arte amarniana. Os seios pronunciados e os quadris largos parecem refletir a natureza e as qualidades masculinas e femininas duais encarnadas no deus criador e em seu filho. Ao mesmo tempo, projetam Nefertiti a uma condição de proeminência religiosa e política. Enquanto Akhenaton apresenta o corpo com contornos mais femininos, Nefertiti se mostra com traços do rosto masculinizados (SOUZA, 2012, p. 108).

O rei e a rainha aparecem quase idênticos, com características femininas e masculinas ao mesmo tempo. Ainda de acordo com Anna Cristina Ferreira de Souza (2012) esse fato se remete ao casal de deuses Shu e Tefnut, primeiro casal de deuses, filhos do demiurgo, que eram andróginos (SOUZA, 2012, p. 108). Nota-se, portanto, uma posição elevada de Nefertiti, pois neste caso ela se iguala a Akhenaton.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido



Figura 4: Relevo representando Akhenaton seguido por Nefertiti e duas de suas filhas em uma cena de adoração ao deus Aton. Fonte: <http://arqueologiaegipcia.com.br/tag/epilepsia/>  
Acesso: 26/07/2021

A arte de Amarna trouxe elementos novos para as representações, mas não abandonou completamente a tradicional arte egípcia e seus cânones. O período posterior ao reinado de Akhenaton é bastante confuso, mas sabemos que houve a restauração dos antigos cultos. Conforme afirma Antônio Brancaglioni Junior (2001):

Com o desaparecimento de Akhenaton, buscou-se um retorno às formas tradicionais de representação. Seu sucessor, Tutankhamon, restaurou os cultos tradicionais, restabelecendo Tebas como capital e voltando a ampliar e embelezar os templos de Luxor e Karnak. Após sua morte, o general Horemheb tomou o poder e promoveu a destruição sistemática dos monumentos amarnianos, desmontando os templos de Aton e apagando os nomes de Akhenaton. Contudo, a influência amarniana permaneceria na arte, nas formas arredondadas das esculturas e dos baixos-relevos, e no plissado das vestimentas masculinas (BRANCAGLIONI JUNIOR, 2001, p. 63).

Apesar de ter possuído uma curta duração, o período amarniano deixou, portanto, algumas de suas características nas obras produzidas posteriormente. Akhenaton conduziu a sua reforma de modo que legitimasse o seu poder e a ascensão de Aton perante os outros deuses, mas acabou sendo punido por isso, tendo grande parte de seus registros

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

destruídos ou apagados. Felizmente não houve uma destruição completa de seus feitos e assim podemos hoje ter uma noção das transformações que ocorreram durante o seu reinado.

## 4. Considerações finais

Os antigos egípcios não possuíam um conceito para o que atualmente chamamos de arte. Entretanto, dentre os povos antigos, foram um dos que mais deixaram vestígios de seus trabalhos artísticos e que felizmente chegaram até nós. O fato de ser uma civilização cuja religião era bastante elaborada e complexa e onde se dava uma peculiar importância para a vida no Além, favoreceu a sobrevivência de muitos artefatos e através deles é possível para nós estudá-los e assim tentarmos entender todas as esferas dessa sociedade.

Através do estudo dessa arte podemos analisar as relações de poder no decorrer da história egípcia, portanto torna-se fundamental nas pesquisas a respeito do papel das mulheres, especialmente daquelas que pertenciam a camadas sociais mais elevadas. Ao observarmos e analisarmos as pinturas e esculturas, por exemplo, onde encontram-se rainhas representadas, notamos que existem muitos indícios do poder e influência que exerceram em vida.

Um estudo mais aprofundado a respeito das mulheres na história é fundamental, pois mesmo atualmente existindo muitos estudos na área de gênero e história das mulheres, ainda não são suficientes para termos um melhor entendimento sobre como desempenharam seus papéis em diversas sociedades. A arte, assim como são os documentos históricos, torna-se uma ferramenta importantíssima em nossas pesquisas, podendo nos ajudar nesse processo.

## 5. Referências

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

BRANCAGLION JUNIOR, Antônio. **Manual de Arte e Arqueologia do Egito Antigo**. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2003.

\_\_\_\_\_. **Tempo, matéria e permanência**: o Egito na Coleção Eva Klabin Rapaport. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Fundação Eva Klabin Rapaport, 2001.

CHAPOT, Gisela. **A família real amarniana e a construção de uma nova visão de mundo durante o reinado de Akhenaton (1353-1335 a. C.)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. 2015.

DOCTORS, Marcio. **A arte como silêncio**. In: BRANCAGLION JUNIOR, Antônio. Tempo, matéria e permanência: o Egito na Coleção Eva Klabin Rapaport. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Fundação Eva Klabin Rapaport, 2001, pp. 17-23.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GRALHA, Julio. **Senhora da casa, divindade e faraó**: as várias imagens da mulher do Antigo Egito. In: CANDIDO, Maria Regina (org.). Mulheres na Antiguidade. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2012, pp. 190-202.

GREEN, Lyn. **The Royal Women of Amarna: Who was Who**. In: ARNOLD, Dorothea (org.). The Royal Women of Amarna: Images of Beauty from Ancient Egypt.

JAMES, Thomas Garnet Henry. **Tutancâmon**. Barcelona: Folio, 2005.

LISE, Giorgio. **Como reconhecer a arte egípcia**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SALES, José das Candeias. **A pintura no Egito Antigo**: entre convenções de representação e princípios de expressão gráfica: uma arte intelectual. In: RAMOS, José Augusto et al (orgs.). Arte Pré-Clássica: Colóquio Comemorativo dos Vinte Anos do Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa: Instituto Oriental, 2007, pp. 175-195.

SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. **Nefertiti**: sacerdotisa, deusa e faraó. São Paulo: Madras, 2012.

VALBELLE, Dominique. **O Artesão**. In: DONADONI, Sergio (org.). O Homem Egípcio. Lisboa: Editorial Presença, 1994, pp. 37-57.

VERCOUTTER, Jean. **O Egito até ao fim do Império Novo**. In: LÉVÊQUE, Pierre (org.). As primeiras civilizações: os impérios do bronze. Lisboa: Edições 70, 2001, pp. 77-219.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

ZIEGLER, Christiane; BOVOT, Jean-Luc. **Art et archéologie: l'Égypte ancienne**. École du Louvre. Paris: 2001, p. 204.